

Conhecendo a Wicca: princípios básicos e gerais

Karina Oliveira Bezerra¹

Resumo

A Wicca é uma religião moderna que busca manter similaridades com o paganismo antigo e a feitiçaria. Possui um pensamento sincrético e intuitivo, criando uma vasta diversidade de crenças e práticas entre os próprios wiccanos. Mas podemos encontrar certas linhas comuns na maioria delas, que são: panteísmo, feminismo, rejeição do conceito de pecado e reciprocidade espiritual. Neste artigo, pretendemos apresentar ao leitor alguns princípios básicos e gerais, que congregam a comunidade wiccana. Para isso apresentaremos um breve resumo da história dessa religião e, em seguida, escolhemos algumas crenças e as separamos em dez tópicos, para, a partir daí, dissertar sobre eles.

Palavras-chave: Bruxaria moderna, Crenças, História

Knowing Wicca: basic and general principles

Abstract

Wicca is a modern religious cult that aims to maintain similarities with ancient paganism and witchcraft. Its thoughts are syncretic and intuitive, creating an immense diversity of beliefs and practices among Wiccans themselves. Nevertheless, there are certain points of view in common between the majority of them, which are: pantheism, feminism, rejection to sin concept and spiritual reciprocity. In this article we intend to introduce to the reader some basic and general principles that congregate Wiccan community. For that we present a brief summary of this religion's history and then choose some beliefs, and categorize them into ten topics in order to begin discussion.

Key words: Modern witchcraft, Beliefs, History

Considera-se o marco do surgimento da Wicca a publicação, no ano de 1954², do livro “A bruxaria hoje”, de Gerald Gardner (1884-1964). Este último utilizou o termo Wicca³, para definir a

¹ Mestranda em Ciências da Religião na UNICAP. Rua Doutor Henrique-Lins 275 CEP 51010-380 - Brasília-Teimososa Recife-PE. E-mail: Karina.olibe@hotmail.com

² É importante frisar que apenas no ano de 1951 é que são abolidas todas as leis contra bruxaria na Inglaterra.

³ Significa “bruxo” em inglês antigo, e o correspondente feminino é “wicce”. No entanto, Gardner utilizou o termo para ambos os gêneros. Ele relacionou o nome Wicca ao verbo

bruxaria moderna, ou seja, como ela estava sendo praticada na época do autor. Gardner dizia ter sido iniciado em um *coven*⁴ de bruxas de *New Forest*⁵, e que esse era um remanescente do paganismo antigo europeu. Ou seja, segundo essa informação a “antiga religião pagã europeia” foi conservada por seus membros, que seriam as bruxas queimadas nos princípios da idade moderna. Elas teriam conseguido preservar seus conhecimentos até o século XX, por meio do segredo nos *Covens*. Por isso, os wiccanos também utilizam o termo bruxaria e bruxa ou bruxo para designar a sua religião e seus membros. Assim, como veremos mais à frente, esse título é pertinente, pois a prática de magia faz parte da Wicca.

Para compreender a Wicca, o leitor precisa conhecer a vida de Gerald Gardner e seu contexto histórico, assim como, dos anos de disseminação da Wicca no mundo, principalmente nos Estados Unidos. Portanto, vamos lá. A vida de Gardner foi guiada pela busca de uma saúde melhor, pois ele tinha asma, e o clima da Inglaterra não lhe fazia bem. Isso resultou em viagens desde os quatro anos com sua ama-seca, pelo mediterrâneo, Ilhas Canárias e Madeira, e, aos seus dezesseis anos, estabeleceram-se no Ceilão. Desde já, Gardner começa a querer entender as crenças do nativo, e manteve os primeiros contatos com a maçonaria. Quando se tornou inspetor da Coroa Britânica dos seringais de Johore, pode aumentar suas viagens e começou a desenvolver seu trabalho amador de arqueólogo e antropólogo. Percorreu, com sua esposa Donna, as cavernas pré-históricas da França, e realizou escavações na antiga cidade de Lachish, e em seu próprio país. Ao voltar aposentado à Inglaterra com 52 anos, por recomendação do médico, asso-

também do inglês antigo, “wican”, que quer dizer “dobrar”. Nesse sentido, os wiccanos seriam pessoas que saberiam moldar suas vidas com a magia. Com intuito mais profundo, Gardner também relacionou Wicca ao verbo, também do inglês antigo, “witan” (saber), dessa forma, a bruxaria, em inglês witchcraft (craft quer dizer arte) seria “a arte dos sábios”. Muitos Wiccanos chamam sua religião de “A Arte”.

⁴ Grupo de bruxas

⁵ É um distrito de Hampshire na Inglaterra.

ciou-se a um clube de nudismo (DUARTE, 2008, p.59-60). Entrou em contato com Margaret Murray⁶ e Charles Leland⁷, que influenciaram bastante as obras de Gardner. Foi membro da Folk-Lore Society, participou da Rosicrucian Order Crotona Fellowship e foi iniciado na Ordo Templi Orienti – OTO, travando conhecimento com Aleister Crowley⁸.

O conteúdo da Wicca, portanto, foi influenciado pelas Ordens Iniciáticas inglesas, que, por sua vez, assim como Gardner, adquiriram bastante conhecimento do Oriente. Mas, essa influência foi concentrada mais na parte prática do que teórica. O que realmente moldou a religião Wicca foram teorias propostas e disseminadas no século XIX e início do XX por escritores e acadêmicos. Os já citados Margaret Murray e Charles Leland, com suas obras de inestimável importância para o desenvolvimento e divulgação das ideias que viriam a formar a Wicca, foram muito influenciados pelo antropólogo Sir. James Frazer (1854-1941) e seu livro “O ramo dourado”. Nele Frazer propõe uma

teoria de uma deusa única e de um deus único de múltiplas faces, a ela subordinado, como uma espécie de “religião primordial” com raízes no paleolítico, e de toda uma série de rituais daí derivados [...] A

⁶ Antropóloga, folclorista e egiptóloga inglesa. Com suas obras, “O Culto das Bruxas na Europa Ocidental” (1921) e “O Deus das Feiticeiras” (1933), revolucionou o pensamento da época sobre bruxaria. Ela concluiu que a bruxaria era uma religião organizada e difundida, enraizada no culto de fertilidade pagã europeia, com raízes que se estendem à era paleolítica e mostra, de forma convincente, que o Deus cornífero não era o Satã cristão.

⁷ Antropólogo, em “Aradia- O Evangelho das Bruxas” (1889) escreveu através do relato de uma jovem chamada Maddalena – uma bruxa de Florença, na Toscana. Ela afirmou ser descendente de uma tradição da bruxaria, a stregoneria (bruxaria em italiano).

⁸ O inglês Aleister Crowley foi considerado um dos maiores magos do século XX, uma das figuras mais polêmicas, controversas e influentes da sua época. A “Besta 666”, como se autointitulou, estudou e praticou cabala, geomancia, ioga, meditação, rituais diversos, I-Ching e astrologia. Criou, em parceria com Frieda Harris, o Tarô de Crowley, que ficou conhecido como “obra-prima”. Ele buscou desvendar a correlação entre magia, sexo e drogas; apreciou e produziu arte; estudou mitologia, teosofia e as principais religiões; além de instituir o sistema de magia chamado Thelema e ser líder mundial da Ordo Templi Orientis (O.T.O.). (HEYSS, 2010).

idéia central de Frazer era a de que as antigas religiões eram cultos de fertilidade, baseados no culto de uma deusa da natureza e seu consorte, um rei-sagrado. O matrimônio entre a deusa e o rei-sagrado e o posterior sacrifício e renascimento deste, segundo Frazer, seria um mito central em praticamente todas as religiões (DUARTE, 2008, p. 42-43).

Quando a Wicca migra para os Estados Unidos na década de 1960, coincide com a agitação da contracultura, com a preocupação com o meio ambiente e com o feminismo. Esses movimentos foram determinantes para a aceitação da Wicca e para a criação de novas tradições⁹ na América. Em 1971, por exemplo, Zusanna Budapest, imigrante húngara - cuja mãe tinha sido artista, médium, bruxa praticante e entusiasta da adoração à deusa - forma o seu próprio *coven*. Ela mistura “elementos da Wicca Gardneriana (especialmente os símbolos, os rituais e a ênfase dada à magia) com as causas e os interesses do feminismo radical e da política radical em geral (cf. RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 182). Essa nova tradição foi chamada de *Bruxaria Diânica*¹⁰, “cujas devotas se haviam oposto ao patriarcado, ao militarismo e à destruição ecológica” (HUTTON, *apud*, RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 183).

Um acontecimento muito importante que marca essa “nova fase” da Wicca foi que, em pouco tempo, o livro *A dança cósmica das feiticeiras*, escrito na década de 1970 e lançado em 1979, “já havia substituído *A bruxaria hoje* como texto básico” (HUTTON, *apud*, RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 184). Sua autora, Starhawk,

⁹ Com a criação dessas novas tradições, conseqüentemente, os que seguiam a Wicca segundo Gardner, foram chamados de gardnerianos.

¹⁰ As bruxas alinhadas com Budapest não eram as únicas “Dianicas”, mas eram as mais preocupadas com a publicidade. Há também a “Tradição Diânica” difundida por Morgan MacFarland, que acolhia tanto homens como mulheres, centrada da deusa Diana e que recebeu sua inspiração diretamente da *Aradia*, de Leland (cf. RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 215).

uniu elementos da Wicca Gardneriana, da *Faery Tradition*¹¹ (tradição das fadas) e da bruxaria feminista. Entretanto, para Grimassi (2002, p. 34). “o que de fato desviou o foco das antigas tradições wiccanas em favor de sistemas modernos ecléticos” foi o movimento de Nova Era, que se desenvolve na década de 1980.

Dessa forma, esperamos ter deixado claro o suficiente o quão é difícil definir a Wicca ou um wiccano. Pois aceitam

o principio da invenção criativa como parte de sua religião, acreditam que sua habilidade de ‘improvisar à medida que se avança’ é uma das principais forças de sua comunidade [...] A bruxaria é individualista a ponto de se tornar anárquica, sem possuir qualquer autoridade centralizada ou sequer uma definição comum do que é uma “bruxa”[...] Assim, a identidade religiosa das bruxas deve ser sentida em vez de ser especificada (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 170).

No entanto, como proposto, daremos inicio a nossa tentativa, não de definir, mas de discutir alguns pontos que congregam os que se denominam wiccanos.

1 Culto à Deusa Tríplice e Seu Consorte, ou seja, aos Deuses antigos

A concepção da Deusa, para os wiccanos, foi fortemente influenciado por um livro chamado “A Deusa branca”, do poeta Robert Graves, que, por sua vez, teve sua inspiração no “Movimento Romântico”, e nas diversas pesquisas acadêmicas realizadas no século XIX que conferiram autoridade a sua tese

¹¹ A *Faery Tradition* é uma forma não gardneriana de bruxaria fundada por um norte-americano, Victor Anderson, na década de 1950, baseada em suas visões pessoais e experiências xamanísticas combinadas com elementos de magia popular (cf. RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 215).

Minha tese consiste em afirmar que a linguagem do mito poético difundido na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e pelo norte da Europa, era uma linguagem mágica vinculada a cerimônias religiosas populares em honra à deusa-lua ou Musa, algumas das quais datavam da Idade da Pedra, a qual permanece como linguagem da verdadeira poesia. [...] A referida linguagem foi adulterada na tardia era minóica, quando invasores da Ásia Central começaram a substituir as instituições matrilineares pelas patrilineares e a remodelar ou a refutar os mitos a fim de justificar as modificações sociais. [...] a antiga linguagem sobreviveu com bastante pureza nos secretos cultos místéricos de Elêusis, de Corinto, da Samotrácia e alhures. Quando estes foram proibidos pelos primeiros imperadores Cristãos, ela continuou sendo ensinada nas escolas poéticas da Irlanda e de Gales, bem como nos covens das bruxas da Europa Ocidental (GRAVES, *apud*, DUARTE, 2008, p.40).

Os principais arquétipos da Deusa dos wiccanos são dois, um deles é ela como a “Mãe Terra”, ou a “Deusa Mãe”

A Deusa é a primeira em toda a Terra, o mistério, a mãe que alimenta e que dá toda vida. Ela é o poder da fertilidade e geração; o útero e também a sepultura que recebe, o poder da morte. Tudo vem dela, tudo deve retornar para Ela. Sendo terra, também é a vida vegetal; as árvores, as ervas e os grãos que sustentam a vida. Ela é o corpo e o corpo é sagrado. Útero, seios, barriga, boca, vagina, pênis, osso e sangue; nenhuma parte do corpo é impura, nenhum aspecto dos processos vitais é maculado por qualquer conceito de pecado. Nascimento, morte e decadência são partes igualmente sagradas do ciclo (STARHAWK, 2010, p.145).

A penúltima linha da citação vislumbra o porquê de Deusa tríplice¹² do círculo do renascimento. Mas o outro arquétipo é o que mais deixa esse aspecto visível, que é ela como a “Lua”,

Que está associada aos ciclos mensais de sangramento e fertilidade das mulheres. A mulher é lua terrena; a lua é o ovo celestial, vagando no útero do céu, cujo sangue menstrual é a chuva que fertiliza e o orvalho que refresca; aquela que governa as marés dos oceanos, o primeiro ventre da vida na Terra. Portanto, a lua é também a Senhora das Águas (STARHAWK, 2010, p.146).

Dessa forma, quando a lua está crescente, representa-se a Deusa em seu aspecto de Donzela, nessa fase ela é a caçadora. Quando está cheia, é a Mãe, associada à fertilidade, e à sexualidade. Quando minguia, é a Anciã, relacionada ao renascimento e transformação.

O consorte da Deusa, o Deus, é mais comumente representado sob dois arquétipos. O primeiro é como “O Cornífero”, o deus das matas, representando a natureza indomável de tudo que é livre. É geralmente identificado com o deus grego Pã. Nesse aspecto, ele é representado como o caçador- coletor das sociedades pré-agrícolas.

Ele próprio simbolizava a aliança entre os caçadores humanos e suas presas animais. O deus cornífero fornecia carne aos humanos e renovava a vida animal. Os humanos, por sua vez, celebravam certas cerimônias mágicas, devolvendo a energia vital à floresta. Este era o mistério secreto do culto dos caçadores: os mesmos animais mortos eram devolvidos à vida através da cerimônia do deus com chifres de

¹² Existem outros mitos que explicam porque a Deusa é tripla. Como por exemplo, o mito das três irmãs do destino. Para os gregos o destino era administrado pelas Moerae (os Destinos), entre os germânicos eram conhecidas como as Norms. Nas duas culturas, as três irmãs teciam o fio da vida para depois cortá-lo, trazendo fim à vida de uma pessoa sobre a terra (cf. GRIMASSI, 2002, p. 101, 102).

alce. [...] Joseph Campbell [...] afirma que o tema básico da aliança entre o caçador e a caça era essencial a todas as sociedades caçadoras (GRIMASSI, 2002, p.87).

O seu segundo arquétipo é o do “Senhor da Colheita”, “O Sacrificado”. Para não haver prolongamentos desnecessários, trataremos desse aspecto no tópico: Celebração dos ciclos da natureza

É importante compreender que todos os inúmeros aspectos e representações da Deusa e do Deus são complementares e não contraditórios. Ele tanto é o sol brilhante, a força energizante e provedora de luz, como a escuridão da noite e da morte. Ela é a criadora-destruidora, pois se manifesta no fogo, que destrói tudo aquilo que o alimenta a fim de produzir calor e luz. Cada aspecto não pode ser considerado como “bom” ou “mau”, ambos fazem parte do ciclo, o equilíbrio necessário à vida (STARHAWK, 2010, p. 149, 176).

Cada Deusa, cada Deus, é uma outra maneira de conhecer e experimentar o ciclo do nascimento, crescimento, morte e renascimento. Por exemplo, se o Deus é visto como criativo, isso não diminui o poder criativo da Deusa, mas aumenta a nossa visão sobre o que o criativo pode ser. Cada qual é uma entrada ou canal para o poder (cf. STARHAWK, 2010, p.334, 352, 353).

Dessa forma, o Deus e a Deusa dos wiccanos, possuem muitos nomes. Qualquer um de seus nomes ou aspectos pode ser utilizado como um enfoque para a meditação. Por isso, eles fazem culto à Deusa tríplice e seu consorte, ou seja, aos Deuses antigos.

2 Iniciação

A iniciação é o mais importante rito de passagem na Wicca. É o ritual no qual o indivíduo é apresentado aos Deuses. É quando ele de fato se torna um Wicca. Mas, antes da iniciação, é imprescindível que a pessoa passe por um período geralmente chamado de *dedicação*. Nesse tempo, o bruxo aprendiz deve estudar sobre a religião. O tempo de dedicação tem suas variações e, geralmente, é indicado pelo próprio aprendiz. Acredita-se que é o momento em que a pessoa sen-

te sinceramente, no coração, que a Wicca é o seu caminho. No entanto, mais objetivamente, tradicionalmente esse tempo é contado em um ano e um dia. Ou seja, para o aprendiz ter certeza da sua escolha, ele precisa, no mínimo, dar uma volta completa na *roda do ano*.

No começo, ou seja, nas ilhas britânicas, o aprendiz só podia ser iniciado por outro iniciado, sacerdotisa ou sacerdote. Mas, com seu estabelecimento nas Américas e Austrália, entre inúmeros fatores, sendo o mais óbvio a falta de iniciados nos mencionados locais, a autoiniciação e a prática solitária passaram a integrar a Wicca. Essa mudança de percepção é totalmente coerente com o significado fundamental da iniciação, que diz que ninguém pode transformar outro em bruxo, “o verdadeiro bruxo se forma entre o indivíduo, a Deusa e o Deus Cornífero. É uma transformação interior, psíquica, que depende da vontade [...] em última instância ninguém pode mediar entre vocês e os Deuses” (BETH, 2000, p.103, 104). Além de que, em um tempo no qual havia poucos livros para aprendizagem, seria quase impossível, a autoiniciação. Com a publicação em massa de diversos livros sobre a bruxaria, tornou-se totalmente viável a autoiniciação e a prática solitária.

Quando a iniciação é em um *coven*, existe um cuidado muito especial em conhecer o aprendiz. Pois o *coven* não é um simples grupo de pessoas que se reúnem para fazer os rituais. “Num *coven* forte, o liame é, por tradição, ‘mais forte que o de família’: a partilha espiritual, emocional e imaginativa, ‘perfeito amor e perfeita confiança’ são as metas”. (STARHAWK, 2010, p. 82).

O significado da iniciação é de morte e renascimento simbólicos. A vida antiga acaba, e uma nova começa. Um dos elementos na iniciação é a escolha de um novo nome, com o qual o neófito se apresentará aos Deuses e a outras bruxas.

3 Respeito ao conselho Wiccaniano: “faça o que quiser, se a ninguém prejudicar”

O conselho wiccaniano é considerado o principal dogma da Wicca. É um código moral simples e benevolente. Possui suas variações de como é dito, mas o sentido é o mesmo. Algumas formas são:

“faze o que quiser, se a ninguém prejudicar”, “sem prejudicar ninguém, realize sua vontade”, “faça o que quiser desde que não prejudique nada nem ninguém”, “faça o que desejar, se mal nenhum causar”.

O conselho é uma norma que norteia toda a vida dos wiccanos, em todos os aspectos. A origem do “faça o que tu queres” se encontra no “Liber Al” ou “O Livro da Lei”, que, segundo o já citado Aleister Crowley, foi revelado a ele, quando de sua estadia no Egito, em 1904. Esse livro seria o anúncio do Novo Aeon ou Nova Era. O “Liber Al” proclama a Lei de Thelema¹³. Os seguintes axiomas são os mais famosos usados por Thelemitas¹⁴. “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.” “Amor é a lei, amor sob vontade”, “Todo homem e toda mulher é uma estrela”¹⁵.

Um dos erros mais comuns é reduzir Liber Al a um texto anarquista [...]. “Faze o que tu queres há de ser tudo da lei” não significa “faça o que der na telha”. Na verdade, é possível traçar paralelos entre a busca pela Verdadeira Vontade estimulada por Liber Al e a procura do Tao pelos taoístas, ou a compreensão do próprio Dharma – ou missão – do Hinduísmo. [...] É preciso descobrir a própria e Verdadeira Vontade, e cumpri-la. E isso não tem nada a ver com ser “feliz” ou “infeliz” ou com qualquer padrão óbvio de julgamento. [...] entre aqueles que estão realizando sua Verdadeira Vontade podem se encontrar “os mais pesados escravos do mundo” (HEYSS, 2010, p. 99).

¹³ Transliteração inglesa do grego antigo ~ significando “vontade”. Em 1907, Crowley redigiu os “Livros Sagrados de Thelema”, e fundou a “Argenteum Astrum”, primeira Ordem Iniciática a propagar a Lei de Thelema.

¹⁴ Homem ou mulher que aceitou a Lei de Thelema.

¹⁵ A letra da música “Sociedade Alternativa”, de Raus Seixas, celebra a Lei de Thelema.

Fica evidente que o “desde que não prejudique ninguém” foi acrescido no conselho wiccaniano, dessa forma, criando sua própria Lei. E esse acréscimo pode ser explicado, segundo Cunningham (2007), pela prática da magia na Wicca, porque, os magos respeitam a vida, a terra e o poder. Este último é a energia que criou galáxias, o DNA, humanos, e bilhões de formas de plantas. Desse modo, o “Poder” nunca deve ser usado para fins destrutivos.

Fazer mau uso desse poder (i.e., desperta-la e direcioná-la para fins destrutivos) é acionar uma corrente de energia negativa. Uma vez que ela começou, uma vez que o mago provocou uma tragédia metafísica, não há volta. O gatilho foi puxado. Ao programar energia pessoal com negatividade, o mago infunde seu poder individual, soltando-o junto. Logo, isso se volta contra o mago (CUNNINGHAM, 2007, p.25).

4 Submissão à Lei Tríplice

A *Lei Tríplice* complementa o conselho wiccaniano. Atenção para não prejudicar ninguém, pois “tudo o que você fizer retornará em triplo”. Então, para as bruxas Wicca, não somente todos os seus atos voltam para si, mas, em triplo.

Para compreender a Wicca, deve-se entender que as explicações que os seus ensinamentos revelam sempre são atestadas na natureza. Para eles

A natureza é considerada o Grande Mestre. Os ensinamentos dos Mistérios nos dizem que a Fonte Divina depositou no tecido da Criação um reflexo do que a criou. Assim, as leis da Natureza são reflexos das Leis Divinas ou princípios, os quais operam numa dimensão acima e numa abaixo da natureza física (GRIMASSI, 2002, p. 42).

A *Lei Tríplice* “é a lei imutável do Cosmos e da Natureza, pois, se ‘você plantar pimentas, não vai querer colher morangos, mas sim aquilo que plantou em uma escala bem maior’” (PRIETO, 2004, p.239).

Todas as pessoas estão, por uma lei universal, sujeitos a receber o retorno energético por seus atos. Wiccanianos atraem, voluntariamente, para suas vidas, um retorno triplicado, ou seja, pela capacidade de acessar o poder dos Deuses Antigos criada por sua aliança iniciática, eles, como um lembrete da necessidade de bem dirigir tais poderes, e da responsabilidade que implicam, respondem três vezes mais por seus atos perante o Universo (CERIDWEN, 2003, p.25).

5 Respeito absoluto à vida

Este quinto tópico já é bem autoexplicativo, e esperamos, pelo menos, que, ao chegar aqui, depois de ter lido as páginas anteriores, o leitor não tenha dúvida do absoluto respeito que os wiccanos têm para com a vida, ela em toda sua infinita dimensão. Em conformidade com suas crenças panteísta, animista e imanente, tudo é sagrado.

Todas as formas de vida são respeitadas na Antiga Religião. Tudo possui igual importância. A única diferença é que as coisas estão meramente em diferentes níveis de evolução dentro dos Quatro Reinos. Os humanos não são mais importantes do que os animais, que não são mais importantes do que as plantas e assim por diante. Vida é vida, não importa que forma física ela adote em um determinado tempo. Somos todos parte da mesma criação e tudo se conecta e se une (GRIMASSI, 2002, p.42).

6 Crença na reencarnação

Pois é minha a porta secreta que conduz à Terra da Juventude, e meu é o cálice do vinho da vida, bem como o Caldeirão de Cerridwen, o Vaso Sagrado da Imortalidade. Sou a graciosa Deusa, que concede o dom do prazer aos corações dos homens. Sobre a terra forneço o conhecimento do eterno espírito; e,

após a morte, ofereço paz, e liberdade, e comunhão com os que partiram antes (FARRAR, *apud*, GRIMASSI, 2002, p.57).

A Wicca possui alguns textos sagrados, nos quais muitas de suas crenças constam no seu conteúdo. A passagem acima se encontra no texto que, talvez, seja o mais importante para a comunidade. Ele se chama “O chamado da Deusa”. Foi escrito por Doreen Valiente, que foi sacerdotisa do Coven, de Gerald Gardner, e teve inestimável importância para a criação da Wicca.

O mencionado trecho demonstra a crença na reencarnação dos wiccanos¹⁶. Vamos destrinchá-lo para melhor entender. O outro mundo celta é denominado de Terra da Juventude. “O cálice do vinho da vida é uma referência aos poderes de vida do ventre e aos Mistérios do Sangue” (GRIMASSI, 2002, p. 58). Cerridwen é uma Deusa celta, e o seu caldeirão é o caldeirão-útero do renascimento e inspiração. Na mitologia celta primitiva, o caldeirão da Deusa revivia guerreiros mortos. Certo dia, foi roubado e levado para o submundo¹⁷¹⁸. Agora, vamos para o significado do trecho. O segredo que abre a porta da Terra da Juventude é encontrado no caldeirão: o segredo da imortalidade reside no fato de se perceber a morte como parte integral do ciclo da vida (cf. STARHAWK, 2010, p.154).

Para os wiccanos, esse mito, assim como outros, é linguagem poética/simbólica para representar o que se observa na natureza. Nada jamais se perde no universo: o renascimento pode ser compreendido na própria vida, onde todo fim conduz a um novo início. A primavera vem após o inverno; o dia, depois da noite.

¹⁶ Mas a forma da reencarnação tem variações de acordo com a Tradição

¹⁷ Os guerreiros a fim de que ele fosse recuperado, foram atrás dele. Esse mito foi incorporado mais tarde, na lenda do rei Artur, na qual os cavaleiros buscavam o Santo Graal.

¹⁸ A descida ao submundo é retratada em outro texto, que talvez venha em segundo lugar de importância para os wiccanos, é mais chamado de “O mito da descida da Deusa”. Nele, é tratado além do tema da reencarnação, o da iniciação.

Em uma visão de mundo que compreende tudo como sendo cíclico, a morte em si não pode ser o derradeiro final, mas um tipo de transformação desconhecida para alguma nova forma de ser. [...] Após a morte, é dito que a alma humana descansa no “País do Verão”¹⁹, a Terra da juventude Eterna, onde ela é revigorada, rejuvenesce e é preparada para renascer. O renascimento não é considerado eterna condenação, sombrio ciclo de sofrimento, como em algumas religiões orientais. Pelo contrário, é visto como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico. A vida e o universo são se encontram separados da deidade; eles são a divindade imanente (STARHAWK, 2010, p. 70, 175).

7 Crença na Grande Teia universal

A Grande Teia é uma metáfora para a crença de que tudo o que existe está interligado e o que fazemos influencia o Todo. Os Deuses Antigos são o Todo. O universo inteiro constitui o Grande Corpo da Deusa. Como na mitologia nativa norte-americana, a Deusa-aranha criou todas as coisas e na cabeça de cada ser está a ponta de sua teia; por isso, somos todos unidos e interdependentes, e o que cada um faz afeta a tudo e a todos. Essa ampla noção de responsabilidade cósmica coloca os wiccanianos dentro de um sistema de crença que os leva, necessariamente, a uma postura ecológica e de busca de equilíbrio e harmonia pessoais (CERIDWEN, 2003, p.26).

Na ciência, mais especificamente na física, são extremamente defendidas teorias de inter-relacionamentos dos seres. Uma das mais

¹⁹ Em inglês é Summerland

conhecidas é a “teoria de Gaia”. Foi formulada na década de 1960, por James Lovelock²⁰. Ele disse que foi como um momento de iluminação.

A atmosfera da Terra era uma mistura extraordinária e instável de gases, mas eu sabia que sua composição permanecia constante durante longos períodos. Seria possível que a vida na Terra não somente criasse a atmosfera, mas também a regulasse – mantendo sua composição constante, em um nível favorável aos organismos? (ARNTZ, 2007, p. 223)

Outra teoria é a das “mentes emaranhadas”. Ervin Laszlo, cientista de renome mundial, diz:

A matéria e a mente evoluíram dentro de um mesmo útero cósmico: o campo de energia do vácuo quântico. A interação de nossa mente e consciência com o vácuo quântico nos liga a outras mentes em torno de nós, assim como a biosfera do planeta. Ela “abre” nossa mente para a sociedade, a natureza e o universo (ARNTZ, 2007, p. 224).

8 Celebração dos ciclos da Natureza

Com exceção da iniciação, ainda não falamos da parte ritualística da religião. Pois bem, explicaremos agora os essenciais rituais wiccanos, aqueles que constituem a prática mínima para um membro. Primeiramente, eles constam de 21 ritos anuais. Como o título desse tópico e toda a crença até agora explanada alude, os rituais da Wicca são celebrações dos ciclos da natureza. São 8 *sabbaths*, que compõem a chamada *roda do ano* e 13 *esbaths*, ou rituais de lua cheia. Segue abaixo, o mito da *roda do ano*.

²⁰ Trabalhava para a Nasa na pesquisa de vida em Marte. Como resultado, estudou o que constitui a vida na Terra e percebeu que tudo na terra estava inter-relacionado e regulado por fatores inorgânicos e orgânicos (p. 223)

Apaixonado o Deus Cornífero, mudando de forma e mudando de rosto, busca sempre a Deusa. Neste mundo, a procura e a busca surgem na Roda do Ano. Ela é a Grande Mãe que dá a luz ele como a divina Criança do Sol, no solstício de inverno. Na primavera, ele é semeador e semente que germina com a luz crescente, verde como os novos brotos. Ela é a iniciadora que ensina a ele os mistérios. Ele é jovem touro; ela, a ninfa sedutora. No verão, quando a luz é mais duradoura, unem-se, e a força de sua paixão sustenta o mundo. Mas a face do Deus escurece à medida que o sol enfraquece, até que, finalmente, quando o grão é colhido ele também se sacrifica ao self a fim de que todos possam ser nutridos. Ela é ceifeira, o túmulo da terra ao qual todos devem retornar, durante as longas noites e dias que escurecem, ele dorme em seu ventre; em seus sonhos, ele é o Senhor da Morte que rege a Terra da Juventude, além dos portais da noite e do dia. Sua sepultura escura torna-se o útero do renascimento, pois no meio do inverno Ela dá, novamente, à luz, ele. O ciclo termina e começa outra vez, e a Roda do Ano gira, ininterruptamente (STARHAWK, 2010, p.72).

Os *sabbaths* são os festivais que celebram o mito da *roda do ano*. São eles: os equinócios e os solstícios, que marcam a trajetória do sol pelo céu. E os outros quatro ocorrem em datas fixadas exatamente em meses intermediários aos primeiros, e celebram o ciclo agrícola da terra, marcando a semeadura, o plantio e a colheita. Os nomes dos *sabbaths* podem variar de acordo com a Tradição, mas indicaremos os mais comuns. Quanto às datas, indicaremos as referentes ao hemisfério sul com as iniciais HS e as referentes ao hemisfério norte, com HN²¹.

²¹ O calendário sazonal do hemisfério norte é oposto ao do hemisfério sul, portanto, os wiccanos residentes no hemisfério sul invertem as datas encontradas nos livros, pois, não faz sentido algum, por exemplo, comemorar o verão, enquanto se está no inverno.

Samhain	HS 1º de maio	HN 31 de outubro.
Yule	HS por volta de 21 de junho	HN por volta de 21 de dezembro
Imbolc	HS 1º de agosto	HN 02 de fevereiro
Ostara	HS por volta de 22 de setembro	HS por volta de 21 de março
Beltane	HS 31 de outubro	HN 1º de maio
Litha	HS por volta de 21 de dezembro;	HN por volta de 21 de junho
Lammas	HS 2 de fevereiro;	HN 1º de agosto
Mabon	HS por volta de 21 de março;	HN por volta de 22 de setembro

Os *Esbaths* são treze, porque, no ano, existem treze luas cheias. Como nosso calendário é solar, com doze meses, acontece haver duas luas cheias em um só mês. Mas, no calendário lunar, que foi o primeiro utilizado pelos humanos, isso não ocorre, pois é dividido evidentemente de acordo com o ciclo da lua, treze meses de 28 dias. Os *esbaths* celebram a Deusa em seu aspecto lunar. Mas, diferente dos *sabbaths*, eles mudam constantemente: a temática dos *esbaths* varia de acordo com o *coven* ou indivíduo que o realiza²².

9 Prática de magia natural

Para a Wicca, os poderes mágicos estão latentes em todas as pessoas. São os poderes naturais, embora misteriosos, da mente interior. O que a bruxaria faz é providenciar uma atmosfera na qual esses poderes possam manifestar-se exatamente através dos ritos mágicos e de toda a gama de símbolos contidos neles. No entanto, é importante frisar que “movimentar um bastão, acender uma vela e cantarolar um encantamento em rima nada fazem por si só [...] Aprender a trabalhar a magia é o processo de criação de um novo padrão neurológico, de mudar a maneira como utilizamos o nosso cérebro” (STARHAWK, 2010, p.191).

²² Algumas tradições e covens, ou mesmo bruxos solitários, realizam rituais toda vez que a lua muda de fase.

A máxima na Wicca diz que a magia é “a arte de transformar a consciência pela vontade”. “Um feitiço é um ato simbólico realizado em um estado alterado de consciência, a fim de gerar a mudança desejada. Fazer um feitiço é projetar energia através de um símbolo” (STARHAWK, 2010, p.191). A prática da magia também exige o desenvolvimento daquilo que é conhecido como disposição mágica: honestidade, autodisciplina, dedicação e convicção. Pois, para praticar a magia, a pessoa precisa acreditar basicamente em sua capacidade de fazer as coisas e em provocar que coisas aconteçam (STARHAWK, 2010, p.193, 194).

10 Proibição completa de proselitismo

Esse é um aspecto da Wicca que a difere muito de outras religiões, e que caracteriza bastante a sua essência e intuítos enquanto religião, e gera uma discussão acerca do seu futuro.

Ninguém é pressionado para ser um wiccano, se alguém se interessar pela religião e procurar um membro para tirar dúvidas, mas depois se desinteressar, a pessoa nunca mais ouvirá sobre o assunto pelo membro. Como vimos acima, no tópico sobre a iniciação, apenas se inicia na Wicca quem sentir que esse é o seu caminho. Os wiccanos chamam esse momento de “despertar para o chamado da Deusa”. Desse modo, os wiccanos acreditam que nenhuma religião é a certa para todo o mundo. Isso faz da Wicca uma religião que é ausente de preconceitos e que aceita a diversidade. Inclusive seus membros fazem parte do movimento inter-religioso. Eles também acreditam que, “uma vez bruxa, sempre bruxa”. Isso implica que, se você foi, em vidas passadas, sempre será, e se, de verdade, é nessa vida, sempre será.

Assim, a Wicca não é, e nem pretende ser uma religião de massas. No entanto, o processo de aceitação social que a Wicca vem ganhando, gera certos questionamentos sobre o futuro da religião entre seus membros. Dow Frew, um dos arquitetos da política inter-religiosa wiccana nos Estados Unidos, em entrevista questiona:

Como integraremos nossas tradições de sigilo e anonimato com o fato concreto de sermos uma religião pública e moderna? [...]. Alguns de nós se voltam para os modelos clássicos antigos do paganismo no mundo romano em busca de exemplos de como uma religião politeísta da natureza pode se compatibilizar com um mundo urbano e cosmopolita e com um estilo de vida público. A Arte no século XXI terá de encontrar um novo caminho que possa percorrer com sucesso ou, inconscientemente, replicará as estruturas religiosas contra as quais seus fundadores se haviam rebelado, aspecto que mais atraiu pessoas para a Arte desde seus primórdios (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 201-202).

Referências

ARNTZ, William; BETSY, Chasse; VICENTE, Mark. **Quem somos nós?** a descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária. Rio de Janeiro: Prestígio Editorial, 2007.

BETH, Rae. **A bruxa solitária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CERIDWEN, Mavesper. **Wicca Brasil: guia de rituais das deusas brasileiras**. São Paulo: Gaia, 2003.

CUNNINGHAM, Scott. **A verdade sobre bruxaria**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerras**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

HEYSS, Johann. **Aleister Crowley: a biografia de uma mago**. São Paulo: Madras, 2010.

GRAVES, Robert. **A deusa branca**: uma gramática histórica do mito poético. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GRIMASSI, Raven. **Os mistérios wiccanos**: antigas origens e ensinamentos. 3. ed. São Paulo: Gaia, 2002.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras**: guia de rituais para celebrar a Deusa. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

PRIETO, Claudiney. **Ritos e mistérios da bruxaria moderna**. São Paulo: Gaia, 2004.